

Coletivos docentes, redes de formação e redes curriculares na América Latina

Teacher collectives, training networks and curriculum networks in Latin America

Collectifs d'enseignants, réseaux de formation et réseaux de programmes d'études en Amérique latine

Allan Rodrigues
Universidade Estácio de Sá
E-mail: allancr@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0003-0233-7697>

Aline Machado Dorneles
Universidade Federal do Rio Grande
E-mail: alinedorneles@furg.br
<https://orcid.org/0000-0001-7110-9378>

Daniel H. Suárez
Universidad de Buenos Aires
E-mail: dhsuarez@filo.uba.ar
<https://orcid.org/0000-0002-2438-7145>

RESUMO

Propomos a seção temática: Coletivos Docentes, Redes de Formação e Redes Curriculares na América Latina, com o entendimento que as investigações educativas centradas nos coletivos, redes de formação docente e redes curriculares possibilitam (re)construir, (re)pensar e o documentar histórias metodológicas, aportes teóricos e epistemológicos outros, que questionam o ato de pesquisar nos moldes consagrados pelas lentes do Norte. Considerando que é preciso ouvir, escutar, criar, aprender e dizer as artes de pesquisar que surgem no confronto e no debate com o “modelo consagrado”. Queremos decolonizar os currículos, sulear os processos de investigação-formação e enaltecer aquilo que se cria e se produz entre escolas e universidade.

Palavras-chave: Coletivos Docentes. Formação de professores. América Latina.

ABSTRACT

Teaching Collectives, Training Networks and Curricular Networks in Latin America We propose this thematic section with the understanding that teaching collectives, training networks and curricular networks make it possible to (re)construct, (re)think and document methodological histories, theoretical and epistemological contributions that question the act of research in the molds consecrated by the lenses of the North. Considering that it is necessary to listen, hear, create, learn and say the arts of research that emerge in the

confrontation and debate with the “established model”. We want to decolonize curricula, sublimate training processes and praise what is created and produced between schools and universities

Keywords: Teacher Collectives. Teacher training. Latin America

RESUMEN

Collectifs d'enseignement, réseaux de formation et réseaux de programmes d'études en Amérique latine Nous proposons cette section thématique en partant du principe que les collectifs d'enseignement, les réseaux de formation et les réseaux de programmes d'études permettent de (re)construire, (re)penser et documenter les histoires méthodologiques, les contributions théoriques et épistémologiques qui remettent en question l'acte de recherche dans les moules consacrés par les lentilles du Nord. Considérant qu'il est nécessaire d'écouter, d'entendre, de créer, d'apprendre et de dire les arts de la recherche qui émergent dans la confrontation et le débat avec le « modèle établi ». Nous voulons décoloniser les cursus, sublimer les processus de formation et faire l'éloge de ce qui se crée et se produit entre les écoles et les universités.

Mots-clé: *Collectifs d'enseignants. Formation des enseignants. Amérique latine..*

Introdução

O princípio é coletivo

A formação docente na América Latina há uma singularidade em relação aos modos de promover as investigações educativas, seja na formação inicial ou continuada de professores e professoras, e nos diferentes níveis de ensino e modalidades da educação. Há uma intensa articulação de coletivos de docentes, com foco central em potencializar o debate nas escolas e/com nas universidades, fortalecendo e difundindo os processos de formação em redes (SUÁREZ, DÁVILA, 2022). Neste sentido, pensar os processos de formação diante dessa realidade, partindo dos conhecimentos que emergem do Sul

Partimos coletivamente da ideia que é preciso promover reflexões e conversas a respeito da pesquisa educativa com olhares outros. A proposta de redes de formação, redes curriculares emergem e oportunizam outros desdobramentos e dimensões teóricas, metodológicas, epistemológicas e políticas, e com isso ganhando força com base em novos diálogos e pesquisas com as escolas. Nesse sentido, o presente dossiê tem como intenção interrogar o modelo

hegemônico de pensar e fazer pesquisas no contexto educativo. Percebemos que existe um modo outro de se relacionar, em coletivos docentes, com os conhecimentos que emergem dos diálogos entre escolas e universidades em redes de formação (GARCIA, 2015). Temos como premissa metodológica, epistemológica e política abrir a conversa para ouvir aqueles e aquelas que estão cotidianamente fazendo e pensando com escolas, e com isso partilhar as experiências educativas e formativas.

O trabalho de construir um dossiê é um exercício filosófico, teórico e de vida. Nesse sentido, articulamos aspectos metodológicos e teóricos, os dados, as formas de pensar por parte dos autores. Aqui, nos colocamos como um sujeitos que narram esse processo desse dossiê em devir. O devir é um conceito que permite uma ampliação dos sentidos. Não é um conceito para contornar uma teoria, mas é a própria prática que contorna a teoria. O devir é uma máquina de relação entre multiplicidade e as singularidades. O devir para os filósofos é uma composição de afetos, sentidos e singularidades. E isso que defendemos dentro desse dossiê: vida, política, arte, sociedade – bem estar e a coletividade – devir sul.

Narrativas escritas por modos outros, narrativas que engravidam as teorias e permitem os movimentos de lentidão e de velocidade. Narrativas que contaminam tantas outras e ao leitor. As narrativas que costura este dossiê possibilitam compartilhar e refletir os modos pelos quais vamos pensar outras dimensões éticas e estéticas da formação docente. Aqui, posso dizer que defendemos a pesquisa narrativa e as narrativas como gesto miúdo político que é contra qualquer outra metodologia que tenta calar e intimidar os sujeitos da pesquisa. Construir uma narrativa plural é construir uma intimidade com os sujeitos. É compartilhar experiências e (re)desenhar aquilo que já estava sendo apagado pelos modos hegemônicos e distantes dos professores e das professoras. Sendo assim, partimos da compreensão que uma narrativa coletiva, seja ela textual, imagética e filosófica-teórica, está sempre em construção. São com elas que posso pensar a produção de outros conhecimentos vindos do sul.

Nesse sentido, estamos aqui, desde o Sul – da América Latina – com o entendimento que os coletivos docentes, as redes de formação e redes curriculares possibilitam (re)construir, (re)pensar e o documentar histórias metodológicas, aportes teóricos e epistemológicos outros, que questionam o ato de pesquisar nos moldes consagrados pelas lentes do Norte. Talvez daí venha a justificativa para a realização deste dossiê. É preciso ouvir, escutar, criar, aprender e dizer as artes de pesquisar que surgem no confronto e no debate com o “modelo consagrado”. Queremos decolonizar os currículos, sulear os processos de formação e enaltecer aquilo que se cria e se produz entre escolas e universidade.

O primeiro texto de **Naiara Serafim Santos, Jodielson da Silva Pereira e Antonio Amorim intitulado: A inovação pelo viés decolonial: uma propositiva contemporânea para educação** é fruto das reflexões oportunizadas na disciplina "Estudos Avançados de Educação e Contemporaneidade" (EAEC). Um estudo que buscou investigar de que forma o pensamento decolonial se apresenta como inovação na educação? Para isso foi elencado como propósito analisar teoricamente as contribuições da literatura científica da decolonialidade como propositiva inovadora na educação. O estudo foi realizado por meio de uma investigação qualitativa, com o dispositivo estratégico da pesquisa bibliográfica. Por meio da análise dos trabalhos dos principais autores do pensamento decolonial foi possível destacar proposições que caracterizam uma educação inovadora decolonial, sendo elas: formar para além do modelo econômico vigente, a sala de aula enquanto um espaço inovador decolonial, formar com base na interculturalidade e por uma formação continuada societal.

Já o texto **Relatando y repensando desde lo epistemológico, lo político, lo ético y lo metodológico, la Práctica Docente** das investigadoras Uruguaias Maria Inés Copello Danzi e Begoña Ojeda apresenta a experiência vivida em uma oficina de Prática de Ensino, uma proposta de formação aos estudantes acadêmicos interessados na docência universitária. É uma formação de curta duração, apenas um semestre, mas está comprometida com uma outra formação, orientada por outros fundamentos. Assume o status de uma "Comunidade de Aprendizagem" e

interage de forma dialógica, crítica, reflexiva e colaborativa. Com base em fundamentos teóricos, os ensinamentos nas salas de aula da universidade e na educação não formal são desenvolvidos, colocados em prática, refletidos, analisados e discutidos (projeto experiencial de encontro e interação com outra comunidade). As vozes dos dois professores coordenadores da oficina estruturam o texto, mas também há vozes de alunos. Uma seção se concentra no ano de 2020, quando, na pandemia da COVID 19, inesperadamente, uma autêntica Comunidade Virtual de Aprendizagem é criada.

Seguimos com o texto: **Contingências de sentidos para a formação docente em veredas (auto)biográficas** de autoria de Rogério Gusmão, Denise Aparecida Brito Barreto e Claudia Vivien Carvalho de Oliveira Soares do qual visa produzir sentidos a partir das histórias de vida, intencionando criar pistas para possíveis caminhos formacionais. A disposição, portanto, é suscitar provocações para as potencialidades que o resgate ressignificado das memórias e as suas reflexões críticas/criativas produzem na renovação da própria prática docente com os cotidianos. Para tal fim, fundamenta-se em princípios teórico-metodológicos da abordagem (auto)biográfica e vale-se de um campo empírico composto por quatro professores dos anos iniciais. A partir de entrevistas narrativas e de análises compreensivas-interpretativas, elucida a construção de quatro contingências entre o método biográfico e a formação: a cicatriz epistemológica, a criatividade, a empatia e a abordagem holística. Infere-se ainda que o trabalho (auto)biográfico não se encerra em si mesmo, uma vez que a potencialidade das suas revelações expressa apenas (não por ser insuficiente) os sentidos personalizados de cada sujeito.

Os autores Cláudia Battestin, Anderson Luiz Tedesco, Leonel Piovezana, Elcio Cecchetti tecem o texto **Rede de formação decolonial a partir do grupo de pesquisa Sulear** no intuito de contar, narrar e pesquisar a partir do Grupo de Pesquisa intitulado, SULEAR: Educação Intercultural e Pedagogias Decoloniais na América Latina. Trata-se de um espaço de diálogo decolonial entre coletivos docentes, discentes e comunidade, que se contrapõem para romper as fronteiras

das lógicas hegemônicas de formações verticalizadas. O objetivo é apresentar a constituição do Sulear desde um outro lugar possível e problematizar que a criação do grupo de pesquisa busca sulear ao invés de nortear. Adota-se em seus procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, amparada em autores de vertente latinoamericana. Ante o exposto conclui-se que o Sulear é um espaço de resistência na construção de um ensino decolonial, seja no construir percursos formativos capazes de problematizar os processos de formação em rede, ou no empoderamento dos participantes quanto ao lugar de pertença na América latina.

Encontramos nesse dossiê uma força política, metodológica e teórica de cada vez mais aproximar os cotidianos das escolas com universidades na direção de pensar novos diálogos para os processos formativos. Nesse caminhada o texto de Alexandra Garcia com o título **Conversas Escolas-Universidades e Formação Docente: questões curriculares e articulações metodológicas nas pesquisas com os cotidianos** busca discutir o tema das conversas e encontros no campo das pesquisas com cotidianos para pensar questões curriculares, processos formativos e saberes docentes. Recupera algumas das contribuições em torno da defesa das conversas entre pesquisadores desse campo e com seus interlocutores e propõem pensar que conversar envolve contar e ouvir histórias como forma de compor e interrogar aquilo que sabemos. Articula, ainda, o tema à contribuição de noções teóricas das novas epistemologias e que favorecem pensar aspectos relacionados ao potencial de processos formativos mais coletivos e solidários. Metodologicamente trabalha com narrativas inspiradas em princípios das pesquisas com os cotidianos.

Quais são as perguntas necessárias para pensar essas conversas escolas-universidades? O que potencializa os coletivos docentes? O que mobiliza professores e professoras pensar uma outra escola? Quais conversas são necessarias para pensar outros processos formação? Assim inicia o texto de Tiago Ribeiro e Graça Regina Franco da Silva Reis - **Perguntas titubeantes em torno de redes de formação docente, experiências e narrativas?** O texto reflete sobre

formação docente e a potência do fazer-se e refazer-se professor e pesquisador na relação com outros. Sublinha a força que encarnam os movimentos e processos (trans)formativos em redes e coletivos de sujeitos, uma vez que conformam espaçostempos polifônicos, polissêmicos e singulares, abrindo caminho para o estranhamento e a indagação. A discussão é tecida a partir de ideias nutridas por experiências e narrativas vividas/produzidas no contexto de uma disciplina de doutorado. Tal disciplina reuniu estudantes de diferentes regiões do Brasil e de fora dele. Com o foco nos sentidos expressos pelo coletivo que os participantes da disciplina formaram, com o interesse comum em pensar e conversar sobre pesquisa narrativa e formação docente, o artigo coloca em indagação modos de pensar e praticar a pesquisa e a formação. Assume a investigação narrativa como metodologia, buscando enfatizar sentidos produzidos a partir da experiência.

No dossiê a marca da escola é um ponto fundamental para percebermos o que se cria dentro desse território, o que se alimenta para além dos conteúdos, o que pensamos e produzimos como professores e discentes. Assim, compreendemos que o texto Regina Aparecida Correia Trindade e Mairce da Silva Araújo intitulado **Por uma perspectiva de formação docente em marcha: diálogos instituintes com a Red Cómplices Pedagógica Latinoamericana**. O texto parte de uma perspectiva dialógica, qualitativa e investigativoformativa em movimentos instituintes propõe refletir sobre as chamadas Redes Pedagógicas Latino-Americanas, a partir da experiência dxs autorxs na Red de Educadores Cómplices Pedagógicos Latinoamericanos em 2020. O ano pandêmico da Covid-19, em 2020, provocou a emergência de novas experiências dialógicas de educarnarrarformar no processo de confluência entre redes e coletivos docentes. A partir desta experiência foi possível perceber: a indissociabilidade entre a perspectiva da formação docente e a concepção da educação como um ato político, e do/a docente como intelectual de seu pensarfazer; a relevância dos movimentos em redes como espaços de deslocamentos formativos plurais, múltiplos. Compreendemos a urgência de tais movimentos como formas de resistência para

viabilidades outras de (re)invenção educativa sob bases mais democráticas, horizontais e emancipatórias, suleadas no território latino-americano.

As conversas latinoamericanas sobre educação, coletivos docentes e outros processos de construção de conhecimento estão tecidas no texto **La intimidad como bioestética de lo cotidiano. Ensamblajes metodológicos en investigaciones autobiográfico-narrativas en educación** de autoria de nossos companheiros Luis Porta, Jonathan Aguirre e Francisco Ramallo. A obra dos nossos investigadores Argentinos aponta a notória expansão da pesquisa narrativa, biográfica e autobiográfica nas ciências sociais que consolidou não apenas formas de fazer e sentir, mas também de ser pesquisa. As contribuições advindas dos movimentos que se produzem em termos teórico-epistemológicos e instrumental-metodológicos dão conta de novas projeções de sentido em prol da recuperação daquilo que molda sensível e sensivelmente a condição biográfica. A intimidade como bioestética do cotidiano, como uma forma especial de recuperar a beleza do particular, como um exercício de reterritorialização e compreensão da vida comum, nos leva à necessidade de habitats que liguem a espessura do tempo narrado em um dever necessário de imersão. Abordamos aqui a condição íntima e autobiográfica a partir de conjuntos metodológicos específicos colocados em ação em nossa pesquisa em educação. Não apenas recuperamos metodologicamente as histórias de vida dos participantes de nossa pesquisa, mas também questionamos a narrativização do eu pesquisador e a construção do significado da identidade na conversa autobiográfica. Narrativas que se tornam marcas, a partir das quais as faces mais humanas da experiência biográfica são refletidas. Recompôr a pesquisa educacional com essa percepção de gestos vitais amplia a condição da humanidade em um mundo corroído que precisa de pequenas-grandes histórias que busquem e encontrem outros significados para a vida.

Rede Cirandar em Conversa: Vidas, Lições e Redes de Formação é o título do texto de Rafaela Engers Günzel e Aline Machado Dorneles que apresenta os estudos iniciais de uma tese de doutorado centrada em documentar as experiências docentes na Rede Cirandar. Para tanto, é tecida uma história de

constituição da presente Rede Cirandar, incluindo teóricos, princípios e apostas que margeiam seu desenvolvimento, desde o ano de 2012. Na sequência, a conversa é assumida como metodologia da presente investigação, tendo algumas indagações como mediadoras para documentar narrativamente as experiências educativas e a produção de saber pedagógico. Desse modo, as aprendizagens, sentimentos e afetos são narrados pelos participantes da Rede, colocando em evidência os princípios e compreensões que regem as redes de investigação-formação docente. Assim, argumenta-se a potência de fomentar a constituição de coletivos docentes, oportunizando processos colaborativo e contra-hegemônico, com o protagonismo e autoria dos participantes.

Pensar os processos formação, os movimentos dos estudos dos cotidianos e os movimentos de uma pesquisa instituinte é o que move esse dossiê. Essas premissas são encontradas no texto de Anaylle Queiroz Pinto, Victor José Machado de Oliveira e Carlos Eduardo Ferraço - **Estudos dos/nos/com os cotidianos escolares e a formação docente sob o viés de práticaspolíticas emancipatórias**. O texto buscou discutir a perspectiva teórico-metodológico-política dos estudos dos/nos/com os cotidianos escolares e a formação docente sob o viés de práticaspolíticas emancipatórias. A reflexão desta pesquisa foi tecida a partir das contribuições da teoria do cotidiano de Michel de Certeau (1994) em diálogo com os pesquisadores/as brasileiros/as que estudam os cotidianos escolares, tais como: Alves (2008a; 2008b; 2010), Oliveira (2007), Oliveira e Alves (2008), Ferraço (2007; 2008; 2021), Ferraço; Soares e Alves (2017), entre outros. O estudo configura-se um ensaio teórico, de abordagem qualitativa, realizado a partir de leituras e análises críticas de autores seminais, além de uma pesquisa bibliográfica nas bases científicas do Google Acadêmico, Scielo e Periódicos da Capes. Destaca-se, como reflexão central do estudo, a imperiosidade de se tecer uma formação docente nas redes cotidianas, a fim de valorizar as vivências e as práticaspolíticas emancipatórias protagonizadas de forma singular e heterogênea por cada praticante pensante.

O dossiê oportunizou também formar um arcabouço teórico e metodológico para pensar o processo decolonial na formação docente da Biologia. Os autores Joaklebio Alves da Silva e Monica Lopes Folena Araújo mexem na estrutura da Biologia para pensarmos como tem sido feita o processo de formação docente com Relações Étnico-Raciais. O texto intitulado: **Descolonizando a formação docente: Proposta de estudo das Relações Étnico-Raciais em um contexto de Formação Inicial de Professores/as de Biologia**. O texto compreende de que forma a temática das Relações Étnico-Raciais é proposta nos Planos de Ensino de Professores/as universitários que lecionam a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) enquanto componente curricular nos cursos de Licenciatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), trazendo o estudo de questões étnico-raciais para a formação inicial de professores/as de Ciências e Biologia. A UFRPE é pioneira em instituir em caráter obrigatório a ERER nos cursos de licenciatura. Para o alcance do objetivo proposto realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo Estudo de Caso, cujos dados foram coletados em documentos institucionais (Planos de Ensino) e analisados pela técnica de Análise de Conteúdo. A partir dos achados, compreendemos que a temática é proposta nos Planos de Ensino de forma bem articulada, contendo ementa, objetivos, conteúdos, métodos didáticos e avaliação condizentes com uma proposição de Educação das Relações Étnico-Raciais positiva, sem o uso de abordagens equivocadas que caminhem em contramão da fundamentação de uma perspectiva crítica da Educação das Relações Étnico-Raciais. **Conversas curriculares de matemática da EJA: formação docente e construção coletiva de currículos outros** é um texto produzido por Adriano Vargas e Francisco Josimar Ricardo Xavier para pensar outros modos de produzir Matemática na EJA. O texto apresenta análises de narrativas de docentes, captadas em uma atividade desenvolvida em um curso de formação docente que teve como foco a temática currículos da área de matemática para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Nestas discussões objetivamos destacar as percepções de docentes sobre currículo, articuladas aos seus entendimentos sobre como construí-lo de forma coletiva e decolonialista.

Apresentamos também algumas perspectivas decoloniais que colaboram para uma formação de professores de Matemática mais plural e diversificada. Destacamos, em seguida, a estruturação do curso "Saberes, currículos e práticas pedagógicas em matemática na Educação de Jovens e Adultos", e algumas conversas curriculares com os docentes que lecionam Matemática na EJA.

Ainda em uma conversa sobre Américas Latinas, EJA e Formação docente, encontramos algumas premissas para pensar desde do sul. É possível os processos educativos da EJA desde do sul? Tais premissas estão presente no texto de Igor Gabriel Leal e Jarina Rodrigues Fernandes intitulado: **Práticas Pedagógicas Transformadoras Escolares na Educação de Jovens e Adultos: contribuições de revistas da América Latina e Caribe**. O texto expõe as concepções epistemológicas, reflexões, bem como, os resultados de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo geral consistiu em conhecer estratégias pedagógicas escolares transformadoras da América Latina e Caribe, em revistas científicas voltadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, analisamos 50 artigos de quatro diferentes revistas de EJA, indexadas no catálogo Latindex. A análise foi feita com base em conceitos teóricos de Paulo Freire, principal referencial teórico desta pesquisa. Partimos da hipótese de que: práticas respaldadas em um viés transformador têm a potencialidade de levar o educando a reconstruir o conhecimento, com vista a uma conscientização e instrumentalização para intervir, de fato, no mundo que o rodeia. Pudemos concluir que as aprendizagens proporcionadas pelas práticas analisadas são transformadoras conforme ampliam a consciência dos estudantes e os instrumentalizam para discernir sobre suas próprias opções.

Nesse sentido, encontramos outras linguagens em nosso dossiê. Novas formas de utilizar os processos formativos como espaços coletivos para desenvolver e pesquisar. O texto **Multiletramentos pelas visualidades na escola - cursos e ações coletivas a partir de redes de formação docente** – escrito pelas professoras; Adriana Hoffmann Fernandes, Aline Verissimo Monteiro, Angela Medeiros Santi e Dagmar Mello Silva. As autoras apresentam a experiência de um grupo de docentes a partir da elaboração de um curso de extensão, em 2018. Dando prosseguimento a essa parceria, no período da pandemia, foi criado coletivamente, junto a outros professores, uma rede de projetos culturais online. O artigo traz inicialmente a história do curso presencial e, depois, online, com a formação da Rede RIA, focando nas ideias de multiletramentos e educação do olhar, associados à reflexão sobre atenção, aceleração, visualidade, mediante as transformações tecnológicas. Elegemos algumas dessas ações, realizadas por professores/as, por entender que ao compartilhar essas práticas, juntamente com nossas reflexões, podemos contribuir para que outras práticas com visualidades possam surgir nas diferentes escolas ibero-americanas das redes que implementam esse debate, ampliando o que entendemos por formação de professores, incluindo questões prementes que contribuem para decolonizar e sulear a educação.

Decolonizar os sentidos, os gestos e o ato de educar é o que defende o texto: **A sala de aula como território coletivo: ecos de encontros de formação docente** de autoria Emanuela Nunes, Alessandra Aniceto Ferreira de e Nilcimar dos Santos Souza que nos convida para pensar as possibilidades engendradas para formação docente como produção de subjetividade a partir da construção de um espaço de educação permanente de professores em um Instituto Federal, que por meio do método da cartografia e da pesquisa-intervenção acompanhou os processos experienciados nos encontros, analisando-os à luz da articulação dos conceitos de formação inventiva. A experiência permitiu ao trabalhador-professor, no coletivo, compartilhar suas experiências e nesse processo ser afetado e se deslocar para outros modos de experienciar e produzir processos de ensino e

aprendizagem que potencializem vidas. Tal experiência produziu deslocamentos e intervenções nas subjetividades, construindo outros modos de pensar, criar, ensinar e aprender, rompendo com as políticas de cognição recognitivas e com as lógicas capitalistas de formação docente que reduzem tal processo à aquisição de habilidades e competências para ensinar.

Nessa caminha de pensar uma formação docente por outros caminhos o texto de Giseli Barreto da Cruz, Marilza Maia de Paiva e Viviane Lontra – intitulado: Recordar é preciso: memórias dos afetamentos de uma Pesquisa-Formação com professores iniciantes. O texto apresenta a orientação teórico-epistemológica de uma pesquisa-formação, com base nos estudos de Josso, com vistas a compreender as possibilidades e os desafios da indução entre pares para o agir e o reagir de professores em relação às dificuldades que afetam a docência em seus primeiros anos de exercício profissional. Ocorrida no período pandêmico, em formato virtual, buscou ao longo de sete encontros com professoras iniciantes, refletir sobre as insurgências que o espaço-tempo pandêmico produziu na prática docente e na escola que precisou manter-se em funcionamento mesmo estando fechada, e o que elas imprimiram nos processos de inserção das professoras que estavam vivendo o início da carreira docente. A pesquisa aponta a potencialidade formativa da narrativa de si, da escuta e da partilha das experiências entre os pares como estratégias de indução profissional docente. **Adriana Varani e Carmen Sanches Sampaio** nos brinda com modos de pensar os processos de formação. Com entendimento que tudo é um devir-docente. No texto **Redes de formação docente e o desafio de pensar praticar princípios outros como constitutivos de processos formativos** – as autoras compartilham narrativamente modos de pensar, viver e sentir a formação docente em redes a partir da nossa participação no *IX Encuentro ibero-americano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores, educadoras que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidade*, em que houve a vivência das Mingas de Pensamento Pedagógico. Também socializaremos a repercussão desta experiência no pensar-fazer coletivamente na realidade brasileira. Defendemos que a perspectiva epistêmico-práticateórica, ética e política da formação docente em redes é um gesto-ação-cotidiana de contracolonização e de defesa pela formação de professores autores e pesquisadores de sua própria prática. Enredada à experiência, discutiremos os seus princípios de solidariedade e horizontalidade das redes de coletivos docentes da América Latina.

O texto **Afrocentricidade, redes de formação e pedagogias de (re) existências: documentação narrativa de experiências pedagógicas na Educação Básica das autoras: Taísa de Sousa Ferreira e Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios** apresenta experiências pedagógicas afrocêntricas dos/as professores/as pretos/as sobre/com as políticas de conhecimento produzidas nos espaços coletivos e autônomos de formação. Especificamente buscamos dialogar sobre o movimento de formação produzido nas rodas/redes de docentes e suas contribuições na construção coletiva de saberes docentes. Ancorando-nos na pesquisa narrativa, foram documentadas experiências pedagógicas de professores (as) pretos (as) de diferentes lugares do Brasil como dispositivos de investigação e espaço de produção de sentidos e de práticas curriculares. A partir dos resultados da investigação-formação, os (as) professores (as) revelaram a emergência de um movimento de (re) conhecer-se, a medida que, por meio dos encontros e das partilhas de experiência, identificaram práticas (e angústias) em comum, narram sobre a potencialidade dos seus saberes pedagógicos e dos (as) seus pares, demonstrando que a construção coletiva de saberes e o compartilhamento de experiências constituem potencialidades pedagógicas fundamentais para o reconhecimento e consolidação de pedagogias de (re) existência na educação pública orientadas por práticas curriculares afrocêntricas.

Com isso, compreendemos que a coletânea de textos apresentados oportunizam pensar e documentar desde lugares outros, e assim refletir olhares, sentidos, teorias, investigações que problematizam e mostram possibilidades possíveis de construir Ciência. Assim, convidamos a olhar e refletir para este mundo que busca um par generalização e classificação e uma produção de vida com pilar em um conhecimento exterior a própria vida. Ou seja, é preciso produzir uma vida que tenha como alicerce os princípios de igualdade e desigualdade.

Nessa direção, perguntamos, aos positivistas modernos: Por que alguns conhecimentos são aceitos e outros são historicamente silenciados? Silenciados por quem. Nesse momento resgatamos reflexões do livro de Regina Leite Garcia

(2001) – Para quem pesquisamos e para quem escrevemos? Talvez, seja esse ponto de interrogação para uma ciência que ainda é imprudente. Pois, nesse sentido, de pensar na construção de uma pesquisa coletiva, ou e percebo que os grupos aqui pesquisados, são atravessados epistemologicamente por essas dimensões. Para quem escrevemos e para quem pesquisamos.

Aqui, pensamos, no trabalho de construção de uma epistemologia que esteja atenta e com aqueles que tentamos estabelecer uma comunicação através desse dossiê. Quem são os nossos principias interlocutores numa pesquisa? Onde estão dentro do texto? Qual posição deles? Ampliar e complexificar esse processo esbarramos nessas perguntas para pensar como e o que tem sido feito do processo de construção de conhecimento na área da educação, principalmente naquilo que é coração desse trabalho – no sul. Nesse sentido, a entrevista de Carmem Sanches Sampaio é um fundamento principal para compreendermos os trabalhos com os coletivos docentes e as redes de investigação-formação docente. Nos despedimos convidando a todos e todas para leitura com um trecho da narrativa da Carmem Sanches – Sempre nossa mestra!!!

*As redes né, as redes vão abrindo possibilidades. Construimos muitas amizades. E temos um comum né, pra compartilhar, pra apostar. Eu acho que viver sem ter um comum, deve ser ruim, né... [risos]
É bom ter um comum pra apostar, pra acreditar, pra compartilhar... eu ia falar compartilhar, porque é isso... (Carmem Sanches, 2023)*

Revisores de línguas e ABNT/APA: Talita Pereira – Revisora

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)